

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 143

Data: 11.04.85

Pg.:

## Garimpeiros apelam ao governo

SP-11-485

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

"Não importa qual o acordo. Aceitamos qualquer negociação desde que possamos voltar a trabalhar." Este é o apelo de 70 garimpeiros da região de Cumaru, Sul do Pará, que estão em Brasília pedindo ao governo federal solução imediata para a invasão de seus garimpos pelos índios caiapós. O líder do grupo, Hélio Caetano, disse que ele e seus companheiros estão perdendo milhões de cruzeiros com equipamentos caríssimos parados, já que a produção de um só garimpo, o Maria Bonita, varia entre 200 a 250 quilos de ouro ao mês. Informou ainda que eles foram autorizados pela Polícia Federal e pelo SNI para atuar na região e salientou que o governo federal tem de tomar uma medida efetiva para solucionar o problema.

Os problemas com o garimpo de Cumaru iniciaram-se no dia 30 de novembro de 1983, quando o ex-ministro-chefe do SNI, general Octávio Medeiros, ordenou a todos os seus homens que abandonassem os garimpos da Amazônia. O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), do Ministério de Minas e Energia, entrou então na região, mas alguns dos garimpos, como o de Cumaru, por causa do conflito entre os diversos órgãos federais que controlam a política brasileira de ouro, desorganizaram-se completamente.

Era o início do caos, mas o fim da era dos desmandos dos "homens do serviço" (agentes do SNI) na região, iniciada em 1979, quando o tenente-coronel Sebastião de Moura, o Major Curió, reuniu os garimpeiros da recém-descoberta Serra Pelada, deu três tiros para o ar e disse: "Agora, quem manda aqui sou eu".

Em 1981, cumprindo ordens do general Newton Cruz de ocupar a Amazônia com garimpeiros, um funcionário do SNI, o "Senhor Ramos", simplesmente invadiu com 20 mil homens as terras do empresário paulista João Lanari Durval, no Sul do Pará, entre os municípios de Redenção e São Félix do Xingu. Ações semelhantes estavam sendo desenvolvidas por toda a Amazônia.

Meses depois, o sr. Ramos já tinha organizado acomodações para 40 mil homens, em uma região de cem mil hectares, sendo três deles — Maria Bonita, Tarzan e Cumaruzinhos — dentro das terras dos índios caiapós, instalando também toda uma infra-estrutura para o garimpo, com posto médico, abastecimento, bancos e agências da Caixa Econômica Federal.

Até novembro de 1983 — quando o SNC abandonou a região — estava tudo correndo aparentemente bem para governo, garimpeiros e índios, que tinham assinado um acordo para a exploração das suas terras em troca do imposto arrecadado na venda do ouro, de 1%.

Já o proprietário tinha perdido

30 mil cafezais e cem mil hectares de terras.

Mas, a partir de 1984, inicia a disputa pela supremacia dos garimpos, travada entre a DNPM, a Caixa Econômica Federal, o Banco Central, a Receita Federal. Até o Ministério da Saúde, através da Superintendência de Campanhas (Sucam), tentou influir. Em meio à crise, a Cobal chegou a abandonar o garimpo, há três meses, deixando praticamente sem alimentos a região.

Há 30 dias, o proprietário João Lanari formalizou ao governo sua proposta de assumir o controle dos garimpos que estão nos limites do seu empreendimento, a Companhia Terra da Mata Geral, com a habilitação para comprar ouro — substituindo a Caixa Econômica Federal — mas com o compromisso de manter toda a infraestrutura de abastecimento.

Até agora não obteve resposta do governo.

Os índios, por sua vez, invadiram há duas semanas os três garimpos localizados em suas terras, porque a CEF não pagava a cota de participação desde fevereiro. Eles agora exigem a retirada dos trabalhadores ou a elevação da cota de 1% para 11%. Segunda-feira, o presidente da Funai, Nelson Marabuto, dirigiu-se à aldeia dos caiapós em companhia de representantes da CEF, DNPM e governo do Pará, para tentar um acordo. Mesmo sem acordo, a CEF mandou fechar os três garimpos.